

CAPÍTULO 16

DOI: 10.47402/ed.ep.c202169215608

ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA ORGANIZACIONAL EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Tatiane Peres Zawaski, Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais, UNILASALLE, Professora de Língua Portuguesa e Literatura, Colégio Marista Pio XII
Patrícia Kayser Vargas Mangan, Professora do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais e Diretora de pesquisa e Pós-graduação Stricto Sensu, Universidade La Salle

RESUMO

Em tempos voláteis, de constantes transformações, atenta-se para formas de preservação de aprendizagens e experiências construídas ao longo dos anos. É nessa perspectiva que a memória organizacional vem ganhando destaque, sendo fonte de muitas contribuições, já que preserva trajetórias e histórias que constituem a identidade da instituição e contribui para a construção da identidade dos profissionais que nela desenvolvem suas atividades profissionais. O presente artigo objetiva investigar quais são os estudos sobre a memória organizacional, no campo educacional, nos últimos anos (2015-2021), atentando para os autores que embasam as pesquisas, assim como os achados dessas no que tange ao tema nas instituições de ensino, a partir de uma revisão sistemática (GALVÃO E RICARTE, 2019). As opções teórico-metodológicas partem dos estudos de Marchi e Borges (2017), Molina e Valentin (2013), Telles Filho, Karawejczyk e Borges (2014) e Walsh e Ungson (1991). Os dados analisados permitem observar que estudos da memória organizacional, em contextos escolares, são pouco expressivos, sendo necessárias abordagens a partir da temática, pois a recuperação dos dados serve de conhecimento da organização. Ademais, a memória organizacional é produtora de conhecimento, a partir da experiência de todos que fazem parte da instituição, atentando ao individual e ao coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Organizacional. Instituição. Ensino. Experiência.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a memória organizacional (MO) vem ganhando mais destaque com o transcorrer dos anos, principalmente, em tempos voláteis, cujas transformações emergem a cada dia nos contextos de vida e de trabalho. Com vistas a preservar a memória das instituições, corrobora-se com Molina e Valentin (2013), entendendo a necessidade de criar uma estrutura que possibilite registrar, preservar e disseminar o conhecimento como forma de preservação de uma identidade que fora construída durante todo o percurso de sua existência.

Independente da área de atuação, muitos processos perpassam por aprendizagens e experiências construídas ao longo dos anos. Fatores que deram ou não certo, tendem a deixar

ensinamentos, que delineiam caminhos a serem tomados no futuro. Pensando nessas experiências e nos sujeitos como “sujeitos de experiência” (LARROSA, 2018)⁴⁸, compreende-se que a memória organizacional (MO) tem funções claras e efetivas de preservação dessa trajetória, da qual uma multiplicidade de colaboradores faz e fez parte, tendo deixado um legado de aprendizagens, e construído a identidade institucional, por isso a memória é tão fundamental nesse constructo.

A partir de uma revisão sistemática (GALVÃO E RICARTE, 2019), o presente artigo tem como objetivo investigar quais são os estudos sobre a memória organizacional, no campo educacional, nos últimos anos (2015-2021), atentando para os autores que embasam as pesquisas, assim como os achados dessas no que tange ao tema nas instituições de ensino. Assim, realizou-se uma pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no Portal de Periódicos da Capes e no ICAO – Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos, entre os anos de 2015 e 2021, pesquisas com essa temática, a partir da inserção dos termos “memória organizacional”. A seguir, serão apresentados o referencial teórico, a metodologia de pesquisa, bem como os resultados desta busca, seguidos da discussão e das considerações finais.

1 MEMÓRIA ORGANIZACIONAL: DISCUSSÕES À LUZ DOS ACHADOS DA PESQUISA

Em linhas gerais, analisando o quadro 01, disposto nas estratégias metodológicas deste estudo, observa-se que as cinco das seis pesquisas retratadas compreendem Programas de Pós-Graduação da região sul, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outro fator intrigante é que nenhuma delas foi desenvolvida em Programas de Pós-Graduação em Educação, mas na Engenharia, Administração e Memória Social, área potente para as discussões inerentes ao tema.

Constata-se uma multiplicidade de literaturas, porém, no conceito geral de memória as contribuições de Halbwachs ganham maior força, já que a maioria dos autores inicia sua elucidação a partir dessas linhas gerais e, posteriormente, discorre sobre os conceitos da MO. Quanto à memória organizacional, percebe-se que Walsh e Ungson trazem as maiores contribuições, ainda assim, alguns pesquisadores não se detêm nesses conceitos, cujas reflexões

⁴⁸ Larrosa (2015) introduz o termo “sujeitos da experiência” atentando aos territórios de passagem que envolve tudo o que nos afeta, deixa marcas, vestígios e efeitos, ou seja, aquilo que fica em nossa memória. Assim, a experiência é vista pelo autor como tudo o que nos acontece, em que o sujeito de experiências tem um lugar de acontecimentos, não sendo passivo, mas ativo neste constructo.

são potentes para definições de linhas a serem seguidas, e, também, conceitos que embasam suas pesquisas, já que os autores são precursores na temática.

Corroboro com os pesquisadores que aludem a quantidade de estudiosos que tratam sobre a MO, entretanto, a literatura traz algumas abordagens primordiais para todos que pretendem ingressar neste profícuo campo de estudos, sendo necessária uma abordagem mais clara dos teóricos que tratam do referido tema. Na imagem abaixo, há um breve esboço que serve de referência, assim como aporte teórico para pensar nos estudos da memória organizacional.

A memória organizacional pode ser compreendida como um acúmulo de experiências da/para vida, proporcionando ressignificações sobre as organizações. Podemos pensá-la à luz de cinco grandes estudiosos cujas contribuições ora semelhantes, outras um pouco distantes, possibilitam que cada um construa suas relações e interprete-a a partir de seus focos de pesquisa.

Walsh e Ungson (1991)⁴⁹ destacam a importância da preservação do passado, mesmo com a saída de membros, por isso tratam os três imperativos para a consideração da MO, sendo eles a aquisição da informação (forma como ela é adquirida, armazenada e recuperada), a retenção da informação (o local da MO) e, por fim, a recuperação da informação (ressignificações para busca de resultados). Aqui compreendemos que as memórias são advindas das pessoas que fazem/fizeram parte da organização, de forma que todas contribuem para a construção da identidade da instituição.

Stein (1995)⁵⁰ também discorre sobre os mesmos processos de informação, ainda assim, traz outras contribuições, como algumas razões que amparam o conceito da memória organizacional, a partir da riqueza de dados, teorias de gestão e da relevância de práticas gerenciais. Outrossim, ressalta-se que os conhecimentos do passado são importantes para ações presentes e futuras, tendo em vista os ensinamentos que se perpetuam no tempo e servem de aporte para decisões.

Conklin (2001)⁵¹ traz profícuas reflexões, discorrendo sobre os conceitos criados pelas pessoas que trabalham na organização e esses podem ser formais (documentos, livros e cursos), assim como o informal (decisões, dúvidas e histórias). Ambos, formais e informais, são

⁴⁹ Conceitos presentes em TELLES FILHO, T. S.; KARAWEJCZYK, T. C.; BORGES, M. L.. **Memória organizacional**: construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. In: VIII Eneo, 2014, Gramado. VIII Encontro de estudos organizacionais. Rio de Janeiro: Anpad, 2014. v. 1. p. 12-24.

⁵⁰ Idem a nota 2.

⁵¹ Idem a nota 2.

essenciais para o conhecimento efetivo da organização, por meio dele não só se acumula, mas compartilha, de forma que a história é importante para que documentos não sejam elementos vazios, mas parta de uma contextualização viva e repleta de experiências reais.

Na concepção de O’Toole (1999)⁵² a memória organizacional relaciona-se às lembranças da organização, por isso, há uma relação com informações e conhecimentos de cada indivíduo e do grupo em si. Ele aponta estruturas de retenção, destacando pessoas, rotinas, estruturas, ambiente, arquivos e a própria cultura da organização.

Por fim, Lehner e Maier (2000)⁵³ defendem que a memória organizacional é primordial para o conhecimento da organização, advinda de uma memória humana, já que a empresa é desenvolvida por meio das pessoas que nela habitam. Segundo os autores, sempre que necessário, as memórias podem ser recuperadas, já que armazenam experiências, assim, a aprendizagem está associada às memórias, na visão deles.

Nesse sentido, corrobora-se com Marchi e Borges (2017), entendendo a memória organizacional como fundamental para a tomada de decisões da organização. Além disso, vejo que a memória organizacional possibilita o entendimento dos motivos que se perpetuam culturas, principalmente nas instituições de ensino, que fidelizam práticas de ensinar e aprender arraigadas em sua cultura, da qual as memórias são fontes de estudo, porém, como comprovado por meio desta pesquisa sistêmica, ainda pouco aproveitadas, sendo um campo a ser explorado em tempos vindouros.

Jasimuddin, Connell e Klein (2008), participam da importância dos registros do passado nas organizações, já que eles podem ser fonte de conhecimento delas. Os autores chamam a atenção para os inúmeros locais organizacionais que residem as memórias, sendo que elas agem no futuro da organização, por isso, a importância deste estudo, firmando, mais uma vez, a visão dos pesquisadores supracitados. Dessa forma, trabalhar em quaisquer contextos e públicos que envolvam sua participação na organização cabe uma reflexão, mesmo que breve, sobre a MO, já que os fazeres, principalmente educacionais, estão arraigados a partir de conexões passadas, vivas nas práticas presentes e futuras.

⁵² Idem a nota 2.

⁵³ Idem a nota 2.

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A fim de investigar os estudos que vêm sendo realizados sobre a memória organizacional, no campo educacional, atentando para os autores que embasam as pesquisas, assim como os achados dessas no que tange ao tema nas instituições de ensino, realizou-se uma revisão sistemática, a partir de uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes, no Portal de Periódicos da Capes e no ICAP – Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos, a partir do descritor “memória organizacional” e “organizational memory”. Para trazer uma perspectiva mais atual da pesquisa, a opção foi investigar, delimitando, também, um período de busca, compreendendo os últimos cinco anos (2015-2021).

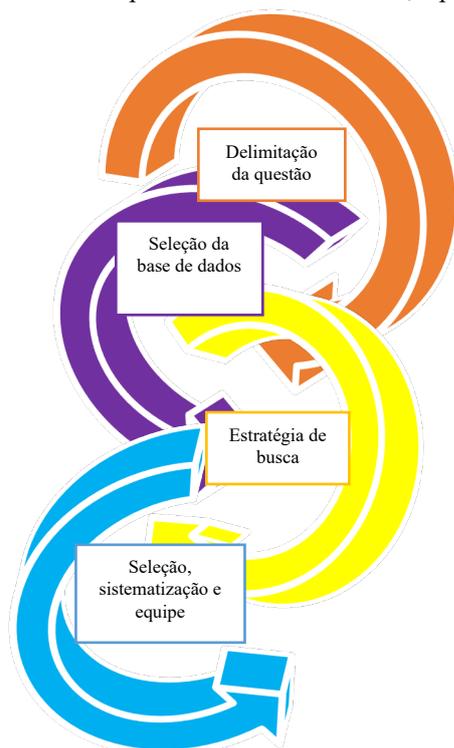
A revisão sistemática, na visão de Galvão e Ricarte (2019), compreende uma modalidade de pesquisa que visa entender a lógica em um determinado *corpus* documental. Na concepção desses autores, ela tende a reproduzir, a partir de outros pesquisadores, dados que foram consultados, assim como estratégias de busca e a seleção dos referenciais abordados por eles.

Galvão e Ricarte (2019) destacam que a revisão sistemática é uma pesquisa científica, assim sendo, ela é composta por objetivos, problemas de pesquisa, metodologia, resultados e conclusão. Para Siddaway, Wood e Hedges (2019) a revisão sistemática compreende classificações, sendo elas revisões sistemáticas com meta-análise, revisões sistemáticas narrativas e revisões sistemáticas com meta-síntese.

Analisando as modalidades expressas pelos autores, optou-se neste estudo, a revisão sistemática meta-síntese (SIDDWAY; WOOD; HEDGES, 2019), sendo que ela é de cunho qualitativo, com vistas a sintetizar estudos, a fim de localizar temas, conceitos ou teorias que forneçam dados para pesquisas futuras, por meio da análise. Tendo em vista o objetivo deste artigo, a opção ganha maior respaldo, já que o propósito é o fornecimento de reflexões sobre estudos da memória organizacional em instituições de ensino.

Como dito anteriormente, a revisão sistemática tem fins específicos, por isso, cabe aos pesquisadores atentar a uma sequência de etapas para a consolidação desta pesquisa. Aqui far-se-á uso das etapas propostas por Galvão e Ricarte (2019), compreendendo as etapas apresentadas na figura 01, disposta a seguir.

Figura 01 – Etapas da revisão sistemática, a partir de Galvão e Ricarte (2019)



Fonte: Autoria própria (2021).

Como exposto acima, a revisão sistemática compreende etapas, sendo elas: a) Delimitação da questão: momento em que o pesquisador delimita objetivos e questões de pesquisa; b) Seleção das bases de dados: definição das bases de dados em que serão consultados os artigos.; c) Elaboração da estratégia de busca: seleção de termo, ou termos a serem inseridos nos campos de busca, assim como a opção de uso ou não de operadores booleanos; d) Seleção, sistematização e equipe: formulação de um sistema de análise, com leituras de títulos, resumos e, após a escolha a análise das partes pertinentes que respondam a questão de pesquisa.

Na sequência serão abordadas, de forma sucinta, as etapas sistematizadas neste estudo, a fim de conferir os resultados das pesquisas sobre a memória organizacional em instituições de ensino. Como realizou-se a busca em três bancos distintos, abordar-se-á cada um e, no final, uma síntese dos estudos encontrados na última etapa.

No Portal de Periódicos da Capes/Mec, com o termo “memória organizacional”, foram encontrados, em um primeiro momento, setecentos e noventa e quatro artigos. Ao ser realizada a seleção, sistematização e equipe (GALVÃO E RICARTE, 2019), constatou-se que os estudos foram desenvolvidos em empresas diversas, menos no campo educacional. Com vistas a delimitar este campo, optou-se por inserir o termo “memória organizacional” associado ao

operador booleano AND e o termo “escola”. Desses quarenta e três estudos foram encontrados, entretanto, nenhum deles havia desenvolvido a pesquisa no campo educacional.

O mesmo ocorreu quando inserido o termo “organizational memory” AND “school”, de forma que os mesmos estudos foram encontrados neste banco de dados. As referências inerentes ao campo da educação não foram localizadas, já que as pesquisas foram aplicadas em diversos locais, sendo: bancos, empresas estatais, prefeituras, estádios de futebol, incubadoras, multinacionais, enfim, todas no ramo empresarial e não educacional.

Com vistas a seguir os caminhos investigativos, optou-se por investigar no ICAP, utilizando, assim, os mesmos termos inseridos anteriormente. O banco localizou trinta e três registros, contudo, nenhum deles em organizações educacionais, apenas em indústrias, comércios, setores alimentícios familiares entre outras.

Tendo em vista a ausência de publicações inerentes à memória organizacional em instituições de ensino, nos dois periódicos supracitados, ampliou-se a pesquisa, sendo realizada uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Em um primeiro momento foram encontradas cinquenta e nove pesquisas sobre o tema, sendo uma na área da saúde, uma na área das ciências humanas, trinta e sete nas ciências sociais aplicadas, duas nas engenharias e vinte e uma no campo multidisciplinar. Tendo em vista o campo de estudos da pesquisadora na área educacional, optou-se por analisar apenas as investigações que o compreendessem. Assim, por meio da seleção, sistematização e equipe (GALVÃO E RICARTE, 2019), foi dado o início da seleção dos materiais para análise.

Realizada a análise das cinquenta e nove pesquisas, foram selecionadas seis, levando em consideração, neste primeiro momento, o campo investigativo, instituições de ensino, sem delimitar se educação básica ou superior, nem rede pública ou privadas, já que o índice de recolha não contemplou um número significativo e, após a análise, percebeu-se que a educação básica estava com déficit em pesquisas sobre a temática. Dada a importância do tema, já discutida por Walsh e Ungson (1991), que a compreende como uma possibilidade de compreensão da organização, é surpreendente o baixo número de pesquisas na atualidade, principalmente, quando se remete às constantes transformações, em especial, nesses últimos anos, em que discussões se acirram em torno de metodologias, assim como os processos de formação docente.

O quadro a seguir expressa os estudos que serão abordados na sequência, com informações pertinentes para uma análise mais profícua em relação ao tempo-espaço da pesquisa.

Quadro 01 – Estudos para análise sobre memória organizacional nas instituições de ensino

AUTOR(A)	ANO	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	Mestrado (M) Doutorado (D)	REFERENCIAIS
KAWAMOTO, Márcia Hiroko	2020	PPGGCO – Unicesumar – Maringá/PR	Dissertação (M)	Lehner e Maier (2000), Hatami, Galliers e Huang (2003), Walsh e Ungson (1991), Minioli e Silva (2013)
CEMIN, Xenia.	2018	PPG Engenharia – UFSC – Florianópolis/SC	Dissertação (M)	Molina (2013), Almeida (2006), Stein e Zwass (1995), Walsh e Ungson (1991).
BEUX, Cláudia Freire	2018	PPGMSMC – Unilasalle Canoas/RS	Dissertação (M)	Halbwachs (1990), Rowlinson, et al. (2010) e Telles Filho, et al. (2014)
DORNELLES, Anália Kniest	2017	PPGMSMC – Unilasalle Canoas/RS	Dissertação (M)	Halbwachs (2006), Pollack (1992), Walsh e Ungson (1991), Bellotto (2004)
NASCIMENTOS, Nelson Macedo do.	2016	Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas – FGV/Rio de Janeiro	Dissertação (M)	Halbwachs (2006), Giron (2000), Yagui (2003), Pollak (1989, 1992).
GEHRMANN, Simoni Sintia Schroeder	2015	PPG Engenharia – Unisociesc – Joinville/SC	Dissertação (M)	Molina e Valentim (2011), Le Goff (2003), Costa (1997), Magnani (2004), Conklin (2001), Borges (2012).

Fonte: Autoria própria (2021).

A seguir, uma breve análise será feita quanto aos autores que embasam o campo referencial, assim como os achados dos pesquisadores. Cabe ressaltar que o número restrito de estudos advém do campo de pesquisa, área educacional, contexto em que a pesquisadora atua e realiza seus estudos.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Em Kawamoto (2020) a abordagem sobre a memória organizacional é discutida sobre a luz da gestão do conhecimento da organização e dos fundamentos de Hatami, Galliers e Hauang (2003), já que os autores a entendem como instrumento de retenção do conhecimento da organização. A memória organizacional é definida a partir dos estudos de Walsh e Ungson (1991), enquanto elemento de recuperação do passado para decisões futuras. Nesse sentido, a pesquisadora entende a memória como preservação, armazenamento e disponibilização do aprendizado.

Após discorrer sobre esses conceitos, de forma sutil, ela remete-se à memória organizacional nos contextos escolares, concebendo-a como um registro de práticas, assim como do conhecimento pedagógico construído num espaço-tempo. Kawamoto (2020) chama a atenção para as práticas ignoradas, advindas da ausência de educadores, assim como de registros que não possibilitam reflexões futuras. Para uma melhor compreensão, ela ilustra a memória organizacional das instituições, a partir de uma figura denominada “Processo de Memória Organizacional” (KAWAMOTO, 2020, p. 27), da qual baseia-se no conhecimento capturado, construído, usado, organizado, disseminado e compartilhado.

Cemin (2018) reflete o tema a partir da premissa de que por meio da MO os conhecimentos são mantidos, a partir de experiências passadas, inclusive de colaboradores afastados das instituições. São tecidas referências a partir dos estudos de Walsh e Ungson, já que percebem o conceito da memória como limitado e fragmentado, em especial, nas organizações, que necessitam intensificar os estudos empíricos, bem como a compreensão da memória organizacional.

A pesquisadora discorre sobre as diversas definições da memória organizacional, a partir de uma quantidade de pesquisadores que se esforçam em compreendê-la, conforme apresentado no quadro 8, intitulado “Definições da memória organizacional” (CEMIN, 2018, p. 45). Constata-se no quadro a multiplicidade de conceitos da MO, sendo que a maior concentração está na capacidade de organização quanto ao armazenamento de informações do passado (experiência).

Beux (2018) inicia seu discurso atentando para a temática da memória enquanto multidisciplinar, comportando, assim, diversas abordagens. Num primeiro momento é traçada a referência da memória, a partir de Graebin e Halbwachs. Na sequência, aborda a memória organizacional a partir dos estudos de Telles Filho, que a concebe com um conceito

polissêmico, já que abarca a gestão do conhecimento, cultura e aprendizagem organizacional e engenharia do conhecimento.

A pesquisadora também atenua o tema na visão de Walsh e Ungson, compreendendo-a como um reduto de armazenamento de informações do passado, alojadas na coletividade e em uma cultura. Beux (2018) discorre sobre os locais corporativos onde podem ser registradas essas memórias e compartilhadas, sendo bibliografias, livros, fotos, calendários, datas comemorativas, entre outros.

Em Dornelles (2017) encontramos as primeiras aspirações sobre a memória social à luz da teoria de Halbwachs, principalmente no que tange a memória coletiva, e o processo de recuperação e recordação que balizam os estudos presentes em sua dissertação. Pollack também é explorado no que inserem as lembranças e ao acesso da memória em sua formação mais individualizada.

Na sequência trabalha a MO a partir de Freire, Rowlinson e Walsh e Ungson, principalmente este último o qual ela traz a conceituação de aquisição, retenção e recuperação da informação. Ela atenta para a memória organizacional como além de acumulação, mas a preservação do conhecimento e compartilhamento com um grupo. As experiências são indispensáveis, segundo a pesquisadora, já que essas memórias são a manutenção da identidade da instituição.

Nascimentos (2016) discorre os estudos da memória organizacional, primeiramente, com os conceitos de Halbwachs, diferenciando a memória individual da coletiva. Após, discorre sobre as experiências na visão de Spiller e Pontes e da MO como produtora de um ambiente favorável ao compartilhamento de conhecimentos gerados por todos os envolvidos dentro da instituição.

Utiliza Costa para tratar das memórias historiográficas da instituição, assim como Pollak com a abordagem das funções da memória sendo a defesa do que é comum a um determinado grupo. Salienta a importância de os gestores estarem atentos ao que deve ser lembrado e esquecido, já que essas lembranças não são, para ele, um processo unilateral.

Por fim, Gehrman (2015) trabalha a memória organizacional a partir de Conklin entendendo-a como captura, organização, disseminação e reuso do conhecimento. Ele insere-se ao proposto por Borges, não unificando uma definição para a MO, já que segundo a pesquisadora, a literatura diversa traz contribuições distintas e importantes, mas acaba não se detendo a nenhuma, especificamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, no decorrer desta análise sistemática, estudos sobre a memória organizacional são de grande relevância, principalmente pelo fato de que experiências passadas podem ser compartilhadas e refletidas na busca de decisões presentes e futuras. Há um repositório de informações, assim como inúmeros testemunhos que compõem a história organizacional, dos quais reflexões tendem a ser profícuas para um melhor entendimento de ações que se perpetuam dentro das organizações.

Outro fator em destaque é que o número de estudos sobre a memória organizacional, principalmente em contextos escolares, ainda é pouco expressivo, sendo de grande valia aumentarmos este repertório, já que é um campo que podemos aliar a outros estudos, como experiências e práticas docentes. A análise sistemática comprova essa evidência, pois em dois periódicos não foram encontrados estudos sobre o tema em evidência, e, no responsório da CAPES, dos cinquenta e nove estudos, apenas seis referem-se ao contexto educacional, sendo que nenhum retrata a educação básica.

Nesse sentido, pensar na memória organizacional é muito instigante, assim como ampliar o debate sobre ela se faz necessário, já que todas as organizações possuem memórias que possibilitam campos investigativos muito potentes. Assim, corrobora-se com Telles, Karawejczyk e Borges (2014), quanto ao entendimento da necessidade de que se compreenda o tema de como as organizações adquirem e recuperam sua memória. Por isso, novas discussões proporcionam novos rumos, novas inquições e ponderações.

Ademais, pode-se elencar algumas premissas que justificam ainda mais a necessidade de ampliação deste campo de estudos na área da educação, sendo elas:

a) A Memória Organizacional como possibilidade de armazenamento e de recuperação de dados que servem de conhecimento da organização e do contexto escolar.

b) A Memória Organizacional como viabilizadora do aprendizado da escola, assim como produtora de conhecimento, por meio da experiência dos envolvidos (setores administrativo, pedagógico e docente).

c) A Memória Organizacional, mesmo partindo da coletividade, atenta ao individual, dando voz aos colaboradores e atenta às suas memórias como forma de aprendizagem.

Por se apresentar como um tema instigante, pesquisas sobre a memória organizacional, no campo educacional, necessitam ser mais exploradas, a fim de que novas descobertas sejam

propiciadas. Ao se tratar de memórias docentes, de práticas e de estudos que tratem deste contexto, o campo da memória organizacional serve de grande aporte, já que é uma possibilidade de respostas a muitos questionamentos.

REFERÊNCIAS

BEUX, Claudia Freire. **A memória organizacional no relatório de gestão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de 2008 a 2016**. Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais). 155fl. Universidade La Salle, Canoas, 2018.

CEMINM, Xênia. **Sistemas de memória organizacional: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado. 135 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2018.

DORNELLES, Analia Kniest. **A memória organizacional dos projetos e atividades culturais da UFRGS entre 2009 e 2015**. Dissertação (Mestrado). 173 fl. Centro Universitário La Salle. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Canoas: 2017.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação**. LOGEION Filosofia da Informação. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, set.2019/fev.2020.

GEHRMANN, Simony Sintia Schroeder. **Modelo avaliativo da relação entre memória organizacional e aprendizagem organizacional para instituições de ensino superior**. Dissertação (Mestrado). 181 fl. Centro Universitário SOCIESC. Programa de Pós-Graduação em Engenharia. Joinville, 2015.

JASIMUDDIN, S.M., CONNEL. N.A.D., KLEIN, J.H. Understanding organizational memory. In: JENNEX, M.E. **Knowledge Management: concepts, methodologies, tools and applications**. London: IGI Global, 2008.

KAWAMOTO, Márcia Hiroko. **Memória organizacional no espaço escolar de sistema prisional**. Dissertação (mestrado) – UNICESUMAR - Centro Universitário de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, Maringá-PR: UniCesumar, 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LIMA, M. S de; SOARES, B. GO; BACALTCHUK, J. **Psiquiatria baseada em evidências**. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 22, n.3, p. 142-146, Sept. 2000.

MARCHI, A; BORGES, M. **Memória, Cultura e Aprendizagem Organizacional: Mudar Para Que?** Canoas: Editora Unilasalle, 2017.

MOLINA, Leticia Gorri; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. **Memória organizacional como estratégia de preservação e acesso à informação**. In.: II Conferência sobre Tecnologia, Cultura e Memória, Recife, 2013.

NACIMENTO, Nelson Macedo do. **Mudança estratégica e memória organizacional**: estudo de caso em universidade corporativa. Dissertação (mestrado). 91 fl. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. Rio de Janeiro, 2016.

SIDDAWAY, A. P.; WOOD, A. M.; HEDGES, L. V. **How to do a systematic review**: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and meta-syntheses. **Annual Review of Psychology**, v. 70, n. 1, p. 747–770, 2019.

TELLES FILHO, T. S.; KARAWEJCZYK, T. C.; BORGES, M. L. **Memória organizacional**: construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. In: VIII Eneo, 2014, Gramado. VIII Encontro de estudos organizacionais. Rio de Janeiro: Anpad, 2014. v. 1. p. 12-24.

WALSH, J. P.; UNGSON, G. R. Organizational memory. **Academic of Managment Review**, v. 16, n. 1, p. 57-91, 1991.